

O EU SOBERANO E A INTOLERÂNCIA PELA VIA DAS DERIVAS IDENTITÁRIAS

SOVEREIGN SELF AND INTOLERANCE THROUGH IDENTITY DRIFTS
EL YO SOBERANO Y LA INTOLERANCIA POR VÍA DE LAS DERIVAS IDENTITARIAS

Mauricio Martins Reis

LIVRO: O EU SOBERANO: ENSAIO SOBRE AS DERIVAS IDENTITÁRIAS

AUTORA: ELISABETH ROUDINESCO

RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 2022, 299 P.

A psicanálise confere a palavra desimpedida ao outro. A escuta da livre associação do paciente institui o campo da alteridade na clínica. O sentido em psicanálise possui, portanto, o duplo alcance de uma orientação e de um significado bem característicos: ele é antes de mais nada acolhedor, além de efetivar a marca complexa de possibilidades interpretativas múltiplas, no compasso da vida de um sujeito em meio aos enlaces entre inscrições subjetivas e percepções da realidade. Por outro lado, quando um psicanalista promove a (psic)análise para pensar determinado problema ou conjuntura do mundo, ou seja, efetivando a importante tarefa da reflexão, necessariamente traz consigo as sensibilidades do saber – e do desejo – investidos no seu ofício.

O novo livro da pesquisadora e psicanalista Elisabeth Roudinesco, *O eu soberano*, oferece importantes assinalamentos a respeito da proliferação e do fortalecimento contemporâneos de movimentos de emancipação a partir de marcadores identitários os mais diversos. A pluralidade das identidades que buscam o reconhecimento cada vez maior em convergência com a atual hegemonia político-jurídica das democracias substantivas, afinadas com o respeito aos direitos humanos, vai marcada por vozes sintonizadas pelo pertencimento, cuja expressão abrange vínculos étnicos, raciais, de gênero e sociais. Poderíamos supor que a especificidade da escuta, a atravessar inevitavelmente o escopo de uma investigação histórica conduzida pela sensibilidade psicanalítica da autora, levaria ao respaldo, por inteiro e integralmente, do discurso reivindicatório das identidades, quanto mais pelo envolvimento direto da matéria-prima humana – viva e traumática – com que são revestidas para o concernente apelo à sua dignidade em termos de acolhimento, cuidado e reparação.

Não é essa, contudo, a experiência a ser evidenciada pelos argumentos e observações contidos ao longo do texto. A recepção do discurso identitário nas suas mais diversas vertentes vem acompanhada por reflexões, flagrantes e insinuadas, sobre o significado mesmo de alteridade para todos aqueles que se (pre)ocupam com as ressonâncias do sofrimento alheio. Aponta-se ali que atualmente o diabo humano da violência e da desigualdade não mora apenas nos detalhes, mas na eloquência de certos discursos cujo timbre se arrisca a ocasionar mais segregação do que acolhimento, mais acirramento do que democracia, mais dispersão do que pluralismo. As identidades, segundo a autora, seriam

ofuscadas pela superposição pós-moderna de derivas identitárias correspondentes; nos termos propostos, passa-se a analisar a assimilação da identidade a um enraizamento hierarquizável ameaçador que ignora (talvez recalçando) o vínculo primevo da existência de uma identidade universal, múltipla e independente das contingências do corpo biológico ou do território de origem.

Não se trata de as identidades perderem o sentido e a legitimidade reivindicatória por importarem sempre e necessariamente em desvios de intolerância com consequências graves para a sociedade em geral. Ao contrário, postula-se no livro que as identidades devem se proteger dessas derivas para que conservem o núcleo da alteridade do qual todas elas partiram: é preciso recuperar o respeito recíproco de uns para com os outros na igualdade das diferenças, tomando-se como premissa que os marcadores identitários nos diferenciam justamente porque eles pressupõem uma identidade primordial cuja base nos permita sonhar com uma sociedade mais justa e igualitária. Uma deriva radicalizada em neuroses identitárias, portanto, potencializaria o contrassenso da segregação em torno do predominante desejo da visibilidade: eis a hipertrofia do eu caracterizadora da nossa época, na qual “cada um tenta ser si-mesmo como um rei, e não como um outro” (2022, p. 10). Os encerramentos discursivos a que se arriscam produzir os manifestos identitários na realidade de hoje – e as opiniões militantes em geral –, catalisados pela instantaneidade das máquinas virtuais, tendem a propagar a indiferença e a beligerância entre as pessoas e entre grupos sociais mais ou menos organizados. A hospitalidade desaparece, e em seu lugar se ramificam hostilidades dispersas, protegidas por bolhas comunicacionais.

Assim, Roudinesco se debruça no fundo sobre o engajamento crítico da psicanálise, a nos mobilizar para um estado em alerta sobre o seu estatuto de subversão, por certo aberto e fronteiriço, mas precavido para não se deixar mimetizar em determinações programáticas – por mais bem-intencionadas que sejam – que, ensimesmadas, culminam por contraditoriamente ignorar a dimensão ética da alteridade. A psicanálise, embora necessariamente funcione teórica e clinicamente a partir da viga-mestra do inconsciente, com ele não se confunde. A lógica do inconsciente opera a mais absoluta falta de lógica, sua atemporalidade caótica revela a marca do que ali jamais faz barreira, onde os impulsos pulsionais se amalgamam contraditoriamente numa pressão tendente à descarga. Então o inconsciente não pode conhecer o estatuto da subversão, porque ele não pode ser outra coisa senão o mandatário dos impulsos anárquicos que não conhecem outra ordem que não a de serem descarregados.

Paradoxalmente, existe por igual uma violência no campo onde a contração às normatividades se resume ao programa da falta de sentido e do caos. Os abusos totalitários não apenas se mostram nos sistemas impositivos da ordem e do monopólio, da razão e dos bons costumes; o totalitarismo também incide no anseio da normatização às avessas, preconizadora da cultura narcísica do eu soberano. A ordem e a proibição da ordem representam antitéticos tirânicos, ambas tocando, cada qual a seu modo, a extremidade perversa da intolerância. O livro parece oferecer certo acabamento às cogitações vislumbradas por Roudinesco há alguns anos; por exemplo, em diálogo com Jacques Derrida, ela já denunciava no início dos anos 2000 os perigos de uma desconstrução sem limites advindos da crítica ao falocentrismo, exemplificando com o “simulacro de uma conquista da feminilidade” o poder de revide igualmente fálico de que as próprias mulheres poderiam ser um dia as suas principais vítimas (Derrida, 2004, pp. 232-233).

Em contrapartida, a psicanálise pode consolidar de vários modos a crítica dita subversiva a operar com sucessivas reconstruções em benefício do indivíduo e do tecido sociocultural. É imperioso o resgate da convocatória a propósito da subversão efetuada pela psicanálise, cuja radicalidade, em vez de calcificar positivamente modos de existência, identidades e regimes sociopolíticos, estabelecerá limites éticos sem os quais o psicanalisar se tornaria impossível, ou pelo menos, o que não é muito melhor, sobreviveria trôpego sob os ditames dos interesses em voga e colonizável pelo investimento narcísico dominador de um, de poucos ou de muitos. Assim sendo, nada escapa à volúpia das pulsões humanas, demasiadamente humanas, nem mesmo as representações que ostentam no seu semblante uma intenção acima de qualquer suspeita: os marcadores identitários, embora responsáveis pelo discurso que efetivamente explicita abomináveis crimes ao longo da história, igualmente podem assumir o roubo violento por eles denunciado, daí que a atenção flutuante do psicanalista precisa distar das obturações discursivas que encerram, cancelando, a palavra do outro, do próximo.

Surge então o modulador ético na escuta de Roudinesco em torno dos derivados identitários, para o bem e para o mal: “nem muito perto, nem muito longe” (2022, pp. 12, 74, 113). Como nos dizem René Major e Chantal Talagrand (2017, p. 20), o ânimo subversivo da psicanálise mobilizada por Freud consiste em uma revolução congruente com certos postulados, não se tratando em absoluto de um convite “à desordem dos sentidos”. Noutros termos, a fidelidade psicanalítica existe, repousando em certas convenções para poder se apresentar como subversiva na temporalidade de sua formulação crítica, apesar de ela ao mesmo tempo contestar o destino de subserviência típico de fidelidades obscuras e dogmáticas. Para poder ser subversiva, a psicanálise precisa ser crítica e, portanto, não deve estar condicionada pelos exageros de qualquer linha de pensamento, por mais que a coerência esteja em jogo na defesa de uma letra com valor de face humanitário.

REFERÊNCIAS

- Derrida, Jacques, & Roudinesco, Elisabeth (2004). *De que amanhã: Diálogo* (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Major, René, & Talagrand, Chantal (2017). *Freud* (J. R. Simões, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores.
- Roudinesco, Elisabeth (2022). *O eu soberano: Ensaio sobre as derivas identitárias* (E. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

*Psicanalista em formação pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica, Doutor (PUCRS) e Pós-Doutor (UNISINOS) em Filosofia, com ênfase em Hermenêutica, Fenomenologia e Psicanálise, Doutor e Mestre em Direito (UNISINOS).
E-mail: mauriciomreis@terra.com.br*